

## **Conclusão:**

### **Os destinos da sedução em psicanálise**

É tempo de concluir sobre quais seriam os destinos da sedução, de acordo com os pensamentos de Freud, Ferenczi e Laplanche. Pensamos em retomar alguns pontos apresentados nesta dissertação, como uma maneira de melhor alinhar as diferentes vertentes da sedução. Este caminho se mostrou necessário embora às vezes repetitivo, já que esclarecemos, ao longo dos capítulos, sobre o que há de traumático e contingencial na sedução, assim como o que da sedução se mostra patológico, essencial e estruturante para o psiquismo.

A escolha por estudar a questão da sedução em psicanálise não se deu de uma hora para outra. Inicialmente interessávamo-nos por trabalhar em Freud a questão do complexo de Édipo e suas articulações com o complexo de castração, um caminho que, de algum modo, para nós era conhecido, pois já havíamos produzido artigos sobre o tema, monografia de final de curso etc. Entretanto, após seis meses de pesquisas e levantamento bibliográfico, surpreendemo-nos com os desvios que começaram a aparecer. Nesta época, lendo a obra freudiana, que nos instigava a estudar mais sobre questões referentes à sedução e ao trauma, tivemos que fazer uma difícil escolha: reconhecer nosso próprio desejo de mudar o tema principal da pesquisa.

Esse foi certamente um momento importante para a continuidade de nossos estudos, já que o terreno desconhecido que adviria com esta decisão era assustador. Foram-nos sugeridos para compor o trabalho, além de Freud, dois novos autores – Ferenczi e Laplanche –, autores esses totalmente diferentes de tudo o que conhecíamos ou que já havíamos estudado. Assim, começamos como um recém-nascido que se permite ser invadido pelo mundo adulto, o mundo das publicações psicanalíticas, no nosso caso. Como resultado de nosso desconhecimento anterior, muitas vezes nos posicionamos demasiadamente próximos dos autores, respeitando o que de original cada uma das teorias nos trazia. Colocamo-nos, desta forma, sempre no lugar daquele que nada conhece sobre o tema principal – *a questão da sedução e seus destinos, segundo Freud, Ferenczi e Laplanche* – e que avidamente procura, a partir de muita pesquisa,

produzir conhecimento, com vistas a contribuir, *a posteriori*, para a transmissão do saber em psicanálise.

Logo após decidirmos que gostaríamos de estudar a questão da sedução em psicanálise, a primeira pergunta que nos fizemos foi: o que significa sedução? No *Dicionário Aurélio* encontramos que seduzir, verbo derivado do latim *seducere*, apresenta pelo menos três acepções negativas: *desencaminhar*, *enganar arditosamente* e *desonrar, recorrendo a promessas ou encantos*. Outras acepções, entretanto, ligam seduzir a aspectos positivos, como *atrair*, *encantar*, *fascinar*, *deslumbrar*. Bons exemplos de como os aspectos positivos e negativos se entrelaçam se encontram descritos nas lendas brasileiras, tais como as lendas do boto, da Iara Mãe D'Água e da sereia. São histórias diferentes, contadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, que, convergindo em suas principais características, podem, em princípio, fazer com que o público leitor entenda tanto como o boto transmutado em homem, através de seus galanteios, conquista as moças do lugar e as engravida, quanto como o sorriso e o canto da sereia e da Iara Mãe D'Água, ao mesmo tempo que encantam, levam o seduzido à própria morte. Assim, a partir do material encontrado sobre o assunto da sedução, ressalvamos uma das novidades oriunda do nosso trabalho de dissertação: *seduzir* significa desviar do caminho, em psicanálise. E como o único caminho já traçado desde o nascimento do sujeito é o que o leva à morte, desviar é assim um sinal da pulsão de vida.

E por que trabalhar o tema da sedução em Freud, Ferenczi e Laplanche e não a partir de outros autores? Nosso levantamento bibliográfico desde o início se direcionou para esses três autores, porque eles apresentavam, cada um a sua maneira, trabalhos sobre o tema da sedução. Mesmo antes de começar nossa pesquisa sobre sedução, já sabíamos que Freud, Ferenczi e Laplanche eram autores pertinentes para a elaboração de nossa pesquisa. Freud, porque foi a partir dele que a psicanálise começou, além da sedução ser, entre várias outras questões, um tema de seu interesse. Já Ferenczi e Laplanche, pelas suas contribuições teóricas sobre sedução, que são auto-evidentes.

Queríamos com os autores escolhidos tentar construir um percurso cronológico para a sedução, no âmbito da psicanálise. Perguntávamo-nos então como o conceito da sedução foi percebido e trabalhado por Freud, Ferenczi e Laplanche, quais os pontos em comum entre eles e quais suas discordâncias. Em

comum eles têm o fato de se interessarem sobre a questão da sedução, enfatizando seu caráter essencialmente traumático. De acordo com as teorias freudiana, ferencziana e laplancheana a sedução é traumática. A sedução pode adquirir contornos negativos, mostrando-se desestruturante e patológica, numa perspectiva freudiana até 1897 e numa perspectiva ferencziana. Por outro lado, segundo um Freud mais tardio, bem como para Laplanche, a sedução é apresentada na sua vertente mais positiva, enquanto uma sedução essencialmente estruturante e organizadora do psiquismo.

Teoria da sedução freudiana			
sedução	conhecida por	características	agente sedutor
1ª fase:	primeira teoria da sedução freudiana ou <i>neurotica</i>	traumática, evitável (contingencial) e patológica	adulto concreto e real/ pai perverso
2ª fase:	teoria da fantasia	traumática, inegável e patológica	adulto concreto e real/ pai perverso ou através de fantasias do próprio sujeito humano
3ª fase:	***	traumática, necessária e estruturante	mãe sedutora, participante desde os primeiros cuidados de higiene

Teoria ferencziana da sedução			
sedução	conhecida por	características	agente sedutor
1º tempo:	sedução propriamente dita	traumática, inegável, tem um viés que é patológico e desestruturante, mas um outro que é necessário e constituinte	adulto concreto e real/ pai perverso
2º tempo:	desmentido		

Teoria da sedução generalizada (Laplanche)			
sedução	conhecida por	características	agente sedutor
***	teoria da sedução generalizada	ampliação da sedução, que perde seu caráter de abuso sexual; traumática; necessária, estruturante, não intencional; fundamental e originária	mundo adulto/ adulto-outro-enigmático (através de mensagens enigmáticas, que são inconscientes)

Desta forma, a sedução traumática não é apenas fragmentadora e, dependendo diretamente de qual o referencial teórico utilizado, além de desviar e desordenar, a sedução pode adquirir então um caráter organizador, na medida em

que promove a criação e a estruturação do psiquismo. O que seduz, deste modo, tanto separa, fragmentando o *eu* frágil da criança, quanto é necessário, essencial, permitindo que o inconsciente se estruture a partir das relações humanas.

Segundo uma visada em que a sedução é instituinte, um sedutor se utiliza do artifício da sedução na mesma medida em que precisa do outro. Entre um psiquismo e outro, ou *mais simploriamente*, entre os inconscientes de duas pessoas, existe um elo de ligação essencial, posto que mediador de uma série de relações estruturantes: a sedução. Como um fim em si mesma, no entanto, ela é perversa, sendo considerada puro referencial, a partir de um enunciado que só se referencia a si mesmo. A sedução como um fim em si mesma é, pois, a ilusão referencial criada por Molière, como uma forma de caracterizar Don Juan.

\* \* \*

Ao retomar alguns pontos teóricos sobre o tema da sedução, inegavelmente traumática para os três psicanalistas estudados e que se mostra, em alguns momentos, estruturante e, em outros, desestruturante e patológica, ressaltamos que, já numa primeira pesquisa bibliográfica, foram descobertas teses e dissertações que trabalhavam extensivamente a obra de Freud, Ferenczi e Laplanche, ou ainda que trabalhavam exaustivamente o tema *sedução*. No entanto, quase não foram encontrados trabalhos acadêmicos que tivessem se proposto a agregar, num único mapeamento teórico, a questão específica da sedução traumática, segundo os pontos de vista desses três autores. Dito de outro modo, contemporaneamente o que existe na língua portuguesa são publicações que se estruturam a partir do referencial teórico de Ferenczi, outras a partir de Laplanche, outras inspiradas em Freud e assim por diante. Assim, na nossa opinião o que de mais original pôde se presentificar nesta pesquisa foi o nosso objetivo de reunir os três psicanalistas, aproximando-os a partir de uma revisão bibliográfica sobre um único assunto, a sedução.

Construída na década de 1890, a primeira teoria da sedução sexual freudiana se propunha a explicar a etiologia das neuroses, não sendo portanto uma teoria que se encerrava na pura constatação clínica da frequência de experiências traumáticas de sedução infantis. Freud estava interessado em estabelecer o vínculo que descobriu entre sexualidade, trauma e recalçamento – enquanto uma defesa patológica, que se exerce eletivamente sobre a sexualidade –, para então concluir

que inegavelmente a emergência da sexualidade é traumática para o sujeito e, inversamente, que só se pode, em última instância, falar de trauma e nele descobrir a origem da neurose, na medida em que interveio a sedução sexual. Na perspectiva freudiana da *neurotica*, sustentava-se, pois, a idéia de que um adulto perverso – geralmente um pai – abusava sexualmente de uma criança, que, despreparada em níveis somático, afetivo, psíquico e intelectual, agia sempre passivamente frente às situações traumáticas de sedução. Num primeiro tempo então da teoria freudiana da sedução, foi enfatizado o viés traumático e patológico da sedução.

Contudo, Freud reconheceu seu erro em 1897: ele havia imputado inicialmente ao exterior algo que era interior ao sujeito. A partir da descoberta das fantasias sexuais das históricas, Freud postulou a existência da vida sexual da criança, enquanto uma criação fantasística singular e própria de cada um, relativizando o par atividade-passividade. Neste sentido, o exemplo do menino Hans, que, em duas situações, seduz sua própria mãe, retrata mais fidedignamente o que acontece nas relações mãe-criança (Freud, 1976 [1909], p. 29 e p. 34).

De acordo com a perspectiva freudiana após 1897, o viés patológico e desestruturante da sedução é colocado em segundo plano. A sedução, embora continue a ser entendida por Freud após 1897 como uma sedução que é necessariamente traumática, é também essencialmente instituinte do psiquismo – o *eu* da criança se constitui por meio dela. A partir dessa época, a sedução é inegável, embora continue como sempre relacionada ao sexual.

Consoante com um Freud mais tardio, isto é, após o abandono da *neurotica*, em qualquer situação concreta ou fantasística de sedução existe uma articulação, que é positiva e estruturante, entre a sedução e a necessidade de uma outra pessoa, pois, diferente de tantos outros mamíferos, o ser humano necessita de um outro para sobreviver. Um bebê, sempre que abandonado às próprias custas logo ao nascer, morre. Ele necessita de uma pessoa que se encarregue dos cuidados – em geral a mãe –, que o alimente, que faça seu asseio, que o agasalhe. Mas isto não é suficiente para que um bebê sobreviva ao meio ambiente. Não se trata de somente satisfazer as necessidades somáticas, fisiológicas do bebê, para que, a partir daí, ele sobreviva.

Os vínculos que unem desde o início o bebê aos objetos e, principalmente, à mãe são complexos, primeiro porque somente num segundo tempo a criança

consegue definir seus limites corporais – num primeiro tempo, a criança não reconhece o que é interno e o que é externo, ou seja, o meio ambiente, os outros seres vivos e assim por diante; segundo porque as relações da criança com as pessoas que cuidam dela são uma fonte contínua de excitações e satisfações sexuais, justificando algumas perguntas que, hipoteticamente, o bebê pode vir a fazer a si mesmo: O que quer esta mãe de mim? Que lugar eu ocupo na fantasia desta mãe que me alimenta, mas também me afaga, me acaricia com gestos e, sobretudo, com palavras? Que lugar eu ocupo na fantasia desta mãe que, mais tarde, também me proíbe, me frustra?. Finalmente, ao mesmo tempo em que o bebê é induzido à sedução desde seu nascimento – na medida em que precisa de um outro concreto, que cuide dele para sobreviver –, logo ele aprende que seu choro também provoca algo na mãe e que, assim, ela lhe dá atenção. Nesta medida, a sedução é quase que automática, no sentido da física newtoniana de ação e reação.

É somente na década de 1930 que Ferenczi retoma a primeira teoria da sedução freudiana, levando-a às últimas conseqüências. Ferenczi lhe confere uma importância análoga a de Freud antes de 1897, resgatando a noção de sedução enquanto traumática e inegável, com um viés patológico e desestruturante, mas também com outro viés, necessário e instituinte. Para além da revalidação dos postulados da *neurotica*, propõe uma linguagem adulta da paixão, como também uma linguagem da ternura, que é própria da criança. A perspectiva ferencziana pressupõe ainda a existência de uma criança anterior à sedução, responsabilizando a experiência traumática de sedução pela irrupção da sexualidade infantil. Assim, a sedução pode ser considerada um mito da origem da sexualidade na criança, por incorporação da linguagem da paixão adulta.

Tal como Ferenczi, Laplanche resgatou alguns elementos da *neurotica* freudiana. Entretanto, diferente da proposta ferencziana, Laplanche utilizou a primeira teoria da sedução freudiana com o objetivo de construir uma teoria da sedução generalizada que, partindo do mecanismo do recalçamento, explicasse a formação do inconsciente, constituído através de resíduos intraduzidos de mensagens enigmáticas emanadas pelo outro – o *adulto-outro-enigmático*. Numa perspectiva laplancheana, a sedução está presente nas relações humanas não só na comunicação através de palavras, como também através de estímulos não-verbais – são as mímicas faciais, o tom da voz, os intervalos silenciosos, os gestos

corporais e o olhar que compõem as mensagens enigmáticas, já que muitas vezes são inconscientes até para quem as emite, ou seja, para o adulto. Com efeito, para aquele bebê que habita o universo da linguagem mas que, nem por isso, já sabe se comunicar através da fala, há uma maior pregnância dos estímulos não-verbais, potencialmente sedutores, presentes desde as primeiras relações mãe-bebê. Para finalizar, numa perspectiva laplancheana, a sedução aparece em sua versão ampliada, enquanto uma sedução que é inegável, instituinte e necessária e que nem sempre está relacionada ao atentado paternal ou à sedução precoce pela mãe.